



Eduardo Paz Ferreira

Por uma Sociedade Decente

Do autor de obras como *Da Europa de Schuman à não Europa de Merkel e Crónica dos Anos de Chumbo*, um novo livro com preocupações e visões semelhantes, mas alargadas, que fala de uma economia que mata e uma sociedade que nos envergonha. Prof. catedrático de Direito da Universidade de Lisboa e presidente do seu Instituto Europeu, com intervenção frequente nos meios e em iniciativas cívicas, os seus pontos de vista são aqui sintetizados e comentados

Pilar Damião de Medeiros

Por uma Sociedade Decente, de Eduardo Paz Ferreira (EPF), faz um diagnóstico da sociedade ocidental. Esta é a obra de um intelectual fortemente comprometido com valores como a justiça social, a solidariedade, a liberdade e dignidade humanas, numa época em que tendem a ser secundarizados pelo pensamento e ação quantificante dos mercados, que, das margens do debate, passou para uma posição central na política económica no mundo inteiro e faz prevalecer o pensamento redutor e totalitário. Contudo, perante estas nuances de distopia contemporânea, EPF acredita ser ainda possível, e necessário, construir uma sociedade decente. Uma sociedade que não humilhe os seus membros. Apela, na senda da sua referência cívica e moral – o Papa Francisco – a uma consciência ética da humanidade e demonstra-nos que “começar de novo vai valer a pena”. Todavia, isso só será possível quando as mulheres e os homens compreenderem que o importante não é produzir mais coisas, mas sim mais humanidade.

Ora, é através do olhar clarividente e arguto de EPF que iniciamos a nossa viagem pelos caminhos tortuosos da Europa do pós guerra. Da Guerra Mundial à Guerra Fria; da ascensão e crise do Estado Social ao fundamentalismo dos mercados; do triunfo do individualismo, aliado a um hedonismo triunfante, ao aprofundamento das desigualdades; da perda de soberania dos Estados à geopolítica da desordem económica; dos conflitos étnicos e tensões religiosas aos mapas da fome e do colapso ecológico. Estes são os grandes temas que o autor dissecou de forma brilhante, alertando os leitores para que, tomando de empréstimo uma expressão de E. Said, “não permitamos que a nossa consciência desvie o olhar ou adormeça” num tempo em que a barbárie tende a voltar a espreitar com rostos de fúria nas esquinas da Europa.

Perante a metamorfose do cidadão em pleno *homo consumericus*, instala-se o marasmo e o desprendimento pelo bem comum. Ai os mais frágeis, como os milhões de apátridas e refugiados do mundo contemporâneo, veem a sua situação jurídica de cidadãos no meio do silêncio, da cumplicidade, se não mesmo da indiferença,



Eduardo Paz Ferreira “Um observador acutilante das consequências dramáticas da nova idade de chumbo”

generalizadas. Tal adormecimento das consciências do novo “homem sem qualidades” (Robert Musil) obriga-nos a voltar a refletir sobre a banalidade do mal. Bem sabemos que H. Arendt, noutros tempos e noutras circunstâncias, já havia posto em causa a fragilidade que assola o homem, capaz de ceder, em massa, quer a uma inadmissível inanidade frente ao horror, quer à furiosa tentação de ser bom, e, com isso, praticar a mais extrema crueldade.

Uma das maiores preocupações do autor de *Por uma Sociedade Decente* liga-se, por um lado, com o enfraquecimento do modelo do Estado Social Europeu e, por outro, com o progressivo e escandaloso aumento das desigualdades sociais. O espírito de 1945 em Inglaterra, como em outros países, é marcado, assume EPF (p. 21), pela “... solidariedade e determinação na construção de um modelo de sociedade equilibrada, baseada num sistema nacional de saúde, num programa de alojamento social, na garantia da segu-



Pese embora os tempos difíceis que atravessamos na Europa o autor crê ser ainda possível sairmos deste labirinto complexo através da regeneração das condições democráticas humanistas

rança social e no controlo dos setores vitais da economia pelo Estado, através de um programa de nacionalizações”. Enquanto em Portugal a economia permanecia em níveis de subsistência, sustentada na cultura da pobreza virtuosa, na devoção das formigui-nhas, vítimas das pérfidas cigarras ...”

a Europa dá os seus primeiros passos para uma sociedade de bem estar mais equitativa.

De acordo com o autor, 70 anos passados, e apesar dos inequívocos sucessos do modelo do Estado derivado do espírito de 45, é clara a profunda diferença no espírito das gerações mais recentes. O individualismo ocupou o lugar da solidariedade, o mercado substituiu o Estado, o interesse público é permanentemente questionado e substituído pela maximização do bem estar individual (p. 32). Noutros termos, os princípios do Estado Social na Europa têm vindo a ser substituídos – como já referido por José Medeiros Ferreira em *Não Há Mapa Cor de Rosa* (2014) – por um modelo rudimentar de consumo que assenta em “[...] muita banca, muito cimento, muito comércio alimentar. Crédito, casa e comida”.

Paz Ferreira destaca, ainda, que as cumplicidades entre o poder financeiro, económico e político, a desregulação do mercado de trabalho e a privatização dos serviços públicos, sustentados numa ortodoxia neoliberal imposta por entidades como FMI, Banco Mundial e Comissão Europeia romperam, propositadamente, com os pressupostos do Estado Social forte, alinhando-se cada vez mais com a versão norte-americana, que parece dar tom à escala mundial. A sobreposição dos interesses económicos aos sociais vem, desta forma, agudizando as desigualdades. Contudo, afirma, esta visão fundamentalista dos mercados não reconhece que muitos desses perdedores são crianças indefesas, reformados e pessoas com deficiências, que não podem trabalhar.

Claro que haverá preguiçosos e abusadores, mas muitas destas pessoas (perdedoras) são os cidadãos mais vulneráveis na sociedade que não apresenta alternativas (p. 241). Em consequência desta situação, “grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspetivas, num beco sem saída” (p. 173). “Que sociedade é, pois, esta em que vivemos? Que caminhos temos para mudar-lhe o rumo? Como poderemos encontrar um espírito paralelo ao de 1945, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade melhor?” (p. 44) questiona-se EPF, um observador acutilante das consequências dramáticas da nova idade de chumbo.

Viveu e testemunhou enormes e rápidas mudanças sociais, políticas, económicas e culturais. Marcado pela geração dos *sixties*, uma geração que, paradoxalmente, lia Marx ao sabor da Coca-Cola, EPF assistiu ao triunfo da geração dos *yuppies*: *the greed generation*, e, agora, procura mostrar à ‘geração casinha dos pais’ (Deolinda) que “começar de novo vai valer a pena”. À beira do *Admirável Mundo Novo* e na imanência da quarta revolução industrial, olha com otimismo e confiança para o futuro da *Millennial Generation*.

Pese embora os tempos difíceis (Charles Dickens) que atravessamos numa Europa em se constroem novos muros que vêm tomar o lugar do Muro de Berlim (p. 259), que se impõem medidas austeridade que ferem a dignidade humana, que se multiplicam as situações de conflito, que reaparecem os nacionalismos e os projetos políticos que se pensavam esgotados, que se destrói os instrumentos tradicionais de coesão social que deixam as sociedades vulneráveis e inseguras (pp. 41-42) e em que se observa uma extraordinária violência que questiona os valores essenciais das sociedades democráticas, o autor crê ser ainda possível sairmos deste labirinto complexo através da regeneração das condições democráticas humanistas.

O caminho para a construção de uma sociedade decente é longo e exigente, mas exaltante, afirma, exigindo clareza de pensamento, firmeza de propósitos e determinação numa ação complexa, com projeção em diferentes domínios: a luta contra as desigualdades e a concretização do direito à proteção social; a profunda modificação da fiscalidade e o fim dos *off shores*; a revisão das regras de funcionamento do sistema financeiro, garantindo o controle público; a redefinição dos objetivos e atuação da União Europeia; a revalorização das Nações Unidas e a criação de instrumentos que limitem os aspetos mais negativos da globalização; a ponderação sobre a inovação tecnológica e a correção dos seus eventuais efeitos negativos; o combate decidido às alterações climáticas; uma classe política digna e qualificada, que não permita suspeita de que a sua ação vise outros fins que não o serviço e o interesse públicos; a construção de uma sociedade mais justa partindo da total prioridade dada aos direitos humanos das diferentes gerações. Parece utópico. Parece ingénuo, enuncia Paz Ferreira, mas o modelo oposto só trará terror e desolação (p. 268). ■

* Pilar Damião de Medeiros é prof^a da Universidade dos Açores, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais



► Eduardo Paz Ferreira
POR UMA SOCIEDADE DECENTE

Ed. Marcador, 272 pp., 17,50 euros